COMENTÁRIOS DA QUINZENA

*** FEIJÃO

O governo parece disposto a acabar com a atual crise do feijão preto. Noticia-se que a COBEC foi autorizada a importar 150 mil ton de feijão preto que seriam suficientes para abastecer o mercado até a entrada da nova safra, e para formar estoque necessário ao contra-ataque da instabilidade de oferta. Além disso, as autoridades se mostram inclinadas a alterar a tabela em vigor, reajustando o preço nominal do produto.

A impressão é de que, decidido a eliminar o "problema" feijão, o governo resolve,nesse caso, ser mais flexível quanto às suas metas principais: reduzir o déficit do balanço comercial e a taxa de inflação. Aliás, a relutância em autorizar uma importação de vulto, resultava da preocupação com o balanço de pagamentos. O Paraná é o principal fornecedor de feijão preto para o mercado carioca e a Secretaria de Agricultura daquele estado acaba de divulgar uma previsão de quebra - em torno de 50% - da safra do feijão da seca. A se confirmar essa previsão, e dado que o consumo no Estado do Rio é da ordem de 18 mil ton/mês, seria necessário importar pelo menos 90 mil ton do produto para abastecer o mercado até a entrada da nova safra das águas em dezembro/janeiro. Ainda que a cotação do produto no mercado internacional permanecesse em US$ 380/ton, despenderíamos US$ 34,3 milhões.Por outro lado, diante das perspectivas pessimistas quanto à oferta de 77, o governo estaria disposto a importar o suficiente para fazer face à possível insuficiência de oferta do feijão das águas. A importação de 150 mil ton de feijão preto, representaria, neste caso, dispêndio da ordem de US$ 57 milhões,que não é absolutamente desprezível no contexto de dificuldades do balanço de pagamentos.

Compreensível, também, a manutenção do tabelamento existente, apesar do recrudescimento da inflação interna. No entanto, eliminando-se a tabela, o preço do feijão preto certamente se estabilizará a um nível inferior ao preço atualmente praticado no "câmbio negro", que atualmente incorpora o risco da comercialização à margem do mercado oficial. No final das contas, o feijão sairia mais barato pa

ra o consumidor, até agora o maior prejudicado.

Parece cada vez mais evidente que o tabelamento exclusivo do feijão preto acarretará, proximamente, dificuldades mais graves para o abastecimento interno. Muitos produtores estão procedendo à substituição de cultura de feijão preto pelas diversas variedades de cores, que não sofrem restrição quanto ao preço de mercado.

É razoável esperar que, a persistir tabelado apenas o feijão preto, ocorra a normalização do mercado de feijão de cores em 78, onde atualmente o preço elevado indica uma insuficiência de oferta. Esta normalização se fará às custas de maiores desequilíbrios entre a produção interna e o consumo de feijão preto, obrigando o governo a importações crescentes deste produto para completar a nossa incapacidade em prover o mercado interno adequadamente.

*** MILHO

A deprimida conjuntura dos preços internacionais do milho e as típicas distorções dos fluxos de comercialização interna provavelmente dissiparão as esperanças governamentais de uma exportação de 2,5 milhões de ton em 77.

Com efeito, as expectativas de redução da área plantada nos EUA foram desfeitas com a recente divulgação do relatório de intenções de plantio do USDA, mostrando que a área de milho naquele país não sofrerá redução sensível em relação à do ano passado. Em seguida, o USDA estimou a produção norte-americana deste ano em 6,5 bilhões de bushels (se continuarem as condições favoráveis de clima), contra 5,8 bilhões em 76, o que provocou pressão baixista sobre o nível já reduzido das cotações internacionais. Na verdade, as intenções dos produtores norte-americanos surpreenderam o mercado, pois o preço relativo soja-milho no final de março já alcançava 3,5 (um preço igual a 2,5 é considerado suficiente para induzir os produtores a plantarem mais soja e menos milho), o que constituiria um indicador seguro da esperada ampliação do plantio da soja às custas do milho. Entretanto, é o trigo quem deverá ceder maior área para a expansão da lavoura de soja naquele país, enquanto a área de milho poderá permanecer virtualmente a mesma do ano anterior.